



DOI: 10.12957/transversos.2023.78445

**ALÉM DAS NOTÍCIAS E DA INFORMAÇÃO: O JORNAL SOB A  
PERSPECTIVA DA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA**  
**BEYOND NEWS AND INFORMATION: THE NEWSPAPER UNDER THE  
PERSPECTIVE OF HISTORIOGRAPHICAL RESEARCH**

**Johnatas dos Santos Costa**  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
[johnatassantoscosta@yahoo.com.br](mailto:johnatassantoscosta@yahoo.com.br)

Não é errôneo afirmar que o campo da História da Imprensa está consolidado no Brasil. As obras de referência são inúmeras e mencioná-las aqui ocuparia um espaço demasiadamente grande e desnecessário. Junto a isso, as diversas pesquisas acadêmicas que surgem a cada ano evidenciam que ainda há muito espaço para análise. Os arquivos físicos e digitais espalhados pelo país e mundo afora contém infinitudes de impressos que, com o aporte teórico-metodológico adequado, tornam-se fontes de pesquisa e geram trabalhos instigantes. É para aqueles que estão especialmente rodeados pelos periódicos físicos que o novo livro do professor José D'Assunção Barros se destina – apesar de não limitar-se a este público. No prefácio de *O Jornal como Fonte* (Editora Vozes, 2023), o autor enuncia os destinatários da sua obra: historiadores, jornalistas e o leitor comum; e, não obstante, deixa, ainda mais explícito, haja vista o título da publicação, o objetivo do livro: examinar e discutir de forma sistemática o uso do jornal como uma fonte histórica.

De antemão, pode-se dizer que Barros cumpre, por meio de capítulos curtos, escritos fluidamente de maneira didática, o propósito estabelecido. Na introdução, o professor destaca que é preciso ir muito além da máxima “o jornal é uma fonte de informação”, descrição que as empresas jornalísticas gostam de utilizar. Para o pesquisador da imprensa, o jornal deve ser encarado como um agente histórico, capaz de, ao mesmo tempo, sofrer influência e influenciar no contexto e na sociedade em que está inserido. De acordo com o autor, é papel do pesquisador “tentar decifrar os interesses que estão por trás do escrito, as visões de mundo e posições sociais que o conformam, as demandas sociais, políticas e econômicas às quais os textos atendem” (BARROS, 2023: p. 17-18). Em suma, a palavra para o historiador é criticidade, pois, por mais

que os jornais gostem de afirmar, eles não são elementos neutros.

No primeiro capítulo, Assunção Barros delinea as três características que estão presentes em todos os periódicos: a materialidade, a periodicidade e a publicização. Junto a isso, ele elabora um quadro contendo oito características essenciais dos jornais, são elas: “periodicidade, largo alcance, polifonia de textos, produção multiautoral, interação entre informação e discurso, busca de vários segmentos leitores, efeito de realidade e abrangência de assuntos” (BARROS, 2023: p. 30). Nas partes subsequentes, ele expande cada um desses tópicos.

No segundo capítulo, o professor chama a atenção dos historiadores para o fato de o jornal não ser um simples veículo de informação. Apesar de, quase sempre, não estarem à mostra, os periódicos divulgam seus valores e ideias por meio de sua “polifonia de textos”. Trocando em miúdos: os jornais são compostos por textos de inúmeras pessoas que informam e refletem sobre o mundo à sua volta, ao mesmo tempo que, indiretamente, transmitem os ideais do periódico ao qual seus textos fazem parte. Nesse sentido, diferente de cartas e diários, por exemplo, os jornais são polifônicos e multiautorais.

No tocante à periodicidade, o autor destaca que o jornal é um material concebido para ser seriado, ou seja, ele é criado para ser lido em série a partir de um certo período (por dia, por semana, por quinzena, por mês, etc.). Isto torna o material ainda mais específico e é digno de nota enquanto a pesquisa estiver em desenvolvimento. Visto que o jornal tem costume de discutir alguns assuntos ou notícias por inúmeras edições e é preciso que o historiador esteja atento a tal detalhe. Nas palavras de Barros, “combinar ‘série’ e ‘periodicidade’ revela aspectos antes menos evidentes, mas imprescindíveis” (BARROS, 2023: p. 142).

À respeito da materialidade, no capítulo três, o professor delinea que o tripé da produção de jornais são as máquinas de impressão, os seres humanos letrados e o papel. Faz-se necessário esclarecer que o autor dissecou em seu livro os periódicos de papel, porém, reconhece a existência, a influência e a importância dos digitais. No capítulo quatro, Barros reafirma e reforça a não neutralidade dos impressos ao questionar o seu efeito de realidade. Em outras palavras, os jornais fazem questão de transmitir e falar sobre a realidade, no entanto, “de alto a baixo, os jornais são atravessados por posicionamentos em relação à realidade social, os quais se conectam visceralmente a certos interesses políticos, sociais e econômicos” (BARROS, 2023: p. 44-45).

Vale fazer uma ressalva quanto a imparcialidade e a neutralidade acentuadas por Barros. As discussões acadêmicas e sociais com relação a essa característica supostamente intrínseca da

Imprensa são de longa data e já renderam inúmeras reflexões. Ainda acredita-se que é uma obrigatoriedade do jornalista e do periódico manter-se imparcial sobre qualquer tema discutido, mas, na prática, isso é irreal. Obviamente, empresas jornalísticas já defenderam tal postura, mas engana-se quem acredita nela por completo. Como disse certa vez o jornalista Ricardo Noblat (2023), é preciso cobrar honestidade ao jornalista, não imparcialidade. Portanto, cabe ao pesquisador, em nosso caso o historiador, investigar os pormenores por detrás do véu da neutralidade que cobrem os periódicos, pois, a priori, eles enganam, mas no fundo eles sempre se revelam como opinativos.

Na quinta e sexta parte do livro, o professor reflete sobre a conexão inviolável entre o ‘polo editor’, o discurso que é emitido por meio dos textos e o ‘polo leitor’ de um jornal. Segundo ele, é da interação entre os editores e os leitores que os textos presentes em um periódico são concebidos. O discurso que será emitido leva em consideração o público ao qual ele se destina e aquele que terá acesso a esse discurso. Para completar, a partir do século XX e da modernização da imprensa, a relação tornou-se ainda mais imbricada, uma vez que a publicidade passou a ser mais um fator de influência nos jornais modernos. Nesse sentido, os anunciantes e os leitores de alguma forma “ditam” o conteúdo e o estilo textual que irão compor as folhas de um jornal.

Atrelado a isso, é preciso ter em mente que o texto jornalístico não é consolidado somente a partir da vontade do seu redator, ele é um trabalho coletivo. Assunção Barros, no capítulo dez, salienta que a polifonia dos textos jornalísticos é complexa porque ela é fruto um esforço de inúmeras pessoas: o autor do texto, o editor e redator-chefe, os supervisores, os repórteres da redação, o dono do jornal, os preparadores e revisores do texto e, é claro, o público que irá ler o material, pois, “se não há leitores, (e compradores), não há jornal” (BARROS, 2023: p. 52). Tal percepção assemelha-se e, de alguma forma reitera, o que Roger Chartier (2001 e 2002) identificou em seus estudos sobre o livro. O historiador francês verificou que os livros são permeados por protocolos de leitura, isto é, mecanismos estabelecidos pelos autores e editores com a intenção de proporcionar àqueles que têm acesso ao material uma determinada compreensão.

Dos capítulos sete a nove, o livro ganha uma perspectiva mais histórica para discutir questões importantes da pesquisa com jornais. No sétimo, Barros utiliza jornais do século XIX (em específico dos anos 1821 a 1823) como pano de fundo para discutir a distinção entre impressos que tinham um viés mais opinativo (chamados de ‘jornais’) e um viés mais informativo

(denominados ‘gazetas’). No oitavo, o autor chama a atenção para a rede de concorrência jornalística que se consolida com o desenvolvimento do mundo capitalista. Para ele, tão importante quanto estudar os leitores de um jornal é o estudo da circulação de periódicos similares a ele na época em que esteve em circulação.

Para exemplificar e ampliar o debate sobre a importância dessa rede de concorrência, no capítulo nove, o professor fala de jornais que circularam no Rio de Janeiro no início do século XIX (no recorte temporal já citado) e daqueles que circularam na cidade entre 1880 e 1919. Por meio de uma relação de semelhanças e diferenças entre os periódicos, Assunção Barros fala sobre essa rede de concorrência e ilumina outros tópicos de relevância, como, por exemplo, a necessidade em saber quem produz o jornal que está sendo estudado, de onde é produzido, quem lê esse jornal e de onde ele é lido.

Na décima primeira parte do livro, o autor chama a atenção para um detalhe que, em geral, não é importante para muitos: a disposição dos conteúdos nos jornais. O professor destaca que a posição em que se encontra uma matéria em um periódico revela a sua valorização e visibilidade. O norte da página, segundo ele, seria o local de maior prestígio, logo, matérias de maior relevância estão nessa posição. Ao contrário do sul de cada página, em que os textos tendem a não ser tão significativos. A divisão do jornal por seções temáticas muito específicas (cinema, esporte, moda, celebridades, educação, etc.) denota a abrangência que o impresso quer alcançar, como também possuem linguagens específicas dos assuntos que abordam. Em igual valor de análise, estão as fotografias jornalísticas, afinal, “o acompanhamento de fotos, ou não, também agrega significados e relevâncias importantes a uma determinada matéria” (BARROS, 2023: p. 112).

Nos capítulos doze e treze, o autor sublinha elementos importantes para o pesquisador (ou leitor crítico) da imprensa: as forças políticas que agem para além das páginas de um jornal e a compreensão da história da imprensa durante o trabalho com os periódicos. Esses excertos são, em suma, tentativas do professor em chamar a atenção para a não isenção dos impressos. Dentre várias lições que podemos tirar da obra de Assunção Barros, talvez a mais importante é que ao se estudar ou somente compreender criticamente os jornais têm que se ter em mente que cada página do impresso é fruto de uma comunhão de elementos diversos e complexos que juntos disfarçam-se muito bem sob o véu da imparcialidade e da divulgação da informação, mas que se investigados com cuidado, se “escovados a contrapelo” (BENJAMIN, 1996), revelam suas fraturas,

fusões, especificidades e contextos históricos. Nas palavras da professora Maria Juraci Maia Cavalcante:

O cuidado metodológico a ser tomado pelo pesquisador é no sentido de uma tomada de consciência acerca da presença inevitável das ideologias no interior de qualquer jornal. Fazendo isso, ele poderá, inclusive, melhor entender certas contradições que frequentemente encontrará no tratamento dado pelo jornal a um mesmo acontecimento. (CAVALCANTE, 2002: p. 27 apud BARROS, 2023: p. 122),

E no arremate do capítulo treze, Barros afirma:

O encontro entre o contexto e o discurso, entre a tecnologia e as práticas, entre as visões de mundo e a realidade material efetiva, afirma-se aqui como o ponto nevrálgico em que a metodologia aplicável à análise das fontes impressas [...] impõe que nos rendamos à necessidade de se conhecer adequadamente a história da imprensa que incide no período de produção das fontes impressas examinadas. (BARROS, 2023: p. 128)

Sem se aprofundar ou detalhar quaisquer questões metodológicas no capítulo quatorze, o autor enfatiza alguns itens, muitos já tratados anteriormente e em detalhes no livro, que não podem passar ilesos ao historiador da imprensa. O tempo em que o jornal está inserido e a sua publicização seriada; o espaço geográfico e gráfico em que ele se faz presente; a polifonia dos textos contidos nas edições e a disposição desses textos nas páginas do impresso; a presença de imagens, a sua produção e o diálogo que elas possuem com o material escrito; e, por fim, as suas seções temáticas, quem as escreve, qual linguagem usa e a quem se destina.

Em diálogo com a parte anterior, o professor expande a discussão e sintetiza questões que o pesquisador deve fazer ao jornal-fonte no capítulo quinze. Partindo de um grande esquema, o autor elenca, reitera e aprofunda informações já ditas sobre (cito em ordem de discussão no livro): publicização, periodicidade, materialidade, lugar de produção, recepção, conteúdo, lugar de impressão, meios de impressão, seções temáticas e polifonia. Depois de mais de 130 páginas até chegar a esse capítulo, nenhum dos itens apresentados é uma novidade para o leitor do livro. Contudo, como ele não destina-se somente ao historiador e jornalista, mas também ao leitor que deseja desenvolver um olhar crítico, a reiteração de informações com alguns detalhes inéditos tornam o capítulo um encerramento digno para a obra.

A título de exemplificação, Barros notabiliza a importância da tiragem e o preço de um jornal. Segundo ele, o preço de um jornal nos revela o tipo de leitor que tem acesso ao material, haja vista que um impresso mais caro implica pensar em um leitor com maior poder aquisitivo e, em consequência, isso denota que uma parcela menor da população terá acesso a esse material. Acerca da tiragem, o autor indica que uma alta tiragem denota um maior letramento da

população e um melhoramento tecnológico da redação e da gráfica do próprio jornal.

Como dito no início desta resenha, José D'Assunção Barros cumpre o objetivo ao qual se propõe e está longe de querer encerrar qualquer assunto sobre metodologia envolvendo o uso dos jornais como fonte. O caráter introdutório para leitores comuns e rememorador para historiadores e jornalistas, faz com que *O Jornal como Fonte* seja um livro de fácil leitura e apreensão. Por sinal, a depender do seu nível de conhecimento sobre o tema, ele, provavelmente, será excessivamente reiterativo.

Apesar da boa qualidade da obra, é preciso frisar que esta primeira edição contém um erro que não pode ser ignorado: as obras *O Estado contra os Meios de Comunicação* (2003), de José Inácio de Melo e Souza, e *O Beijo de Lamourette* (1990), de Robert Darnton, não constam na lista final de referências. De acordo com o professor, o seu livro faz parte de uma série mais ampla que examinará diversos tipos de fontes históricas. Sendo esse o caso, esperamos que a Editora Vozes reimprima este livro corrigindo a pequena falha contida nessa primeira tiragem.

Por fim, vale o reforço: a qualidade da obra é notável, as lições são inúmeras e o aprendizado é garantido. Para os historiadores, o texto é um grande lembrete de detalhes teórico-metodológicos que durante a pesquisa podem passar despercebidos e, no final de um trabalho, podem fazer toda a diferença. Para o leitor comum, fica o ensinamento sobre o quão complexa é a produção de um periódico e fica a certeza de que, por mais trivial que um jornal pareça, há muito mais em suas páginas do que meras informações sobre o mundo real. Afinal, como diz Barros, “produzir jornais não é para principiantes; mas ler jornais também não é para os ingênuos” (BARROS, 2023: p. 159).

## **Referências**

BARROS, José D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2023.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O Jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional*. In: II Congresso de História da Educação, 4, 2002, Natal. *Anais do II Congresso de História da Educação*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

CHARTIER, Roger. *Do livro à leitura*. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002, p. 121-139.

NOBLAT, Ricardo. Cobre-se honestidade ao jornalista, imparcialidade, não. Metrôpoles, 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/ricardo-noblat/cobre-se-honestidade-ao-jornalista-imparcialidade-nao>. Acesso em: 22 jul. 2023.

\*\*\*

#### Sobre os autores:

**Johnatas dos Santos Costa:** Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH/UFJF). Desenvolve pesquisa sobre a imprensa erótica existente no Brasil do início do século XX, e também sobre os modernismos brasileiros, em particular, o modernismo carioca. Bolsista CAPES/PROEX.

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** 27 de abril de 2023.

**Artigo aprovado para publicação em:** 29 de agosto de 2023.

\*\*\*

#### Como citar:

COSTA, Johnatas dos Santos. Além das Notícias e da Informação: o jornal sob a perspectiva da pesquisa historiográfica. *Revista Transversos*. Dossiê: Por uma História do Turismo: Atividade e fenômeno turístico em perspectiva histórica. Rio de Janeiro, n.º. 28, 2023. pp. 251-257. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/78445>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2023.78445

